

## ANTRO POSITIVO

'Ruy Filho



© Pauliana Valente Pimentel

### Luminoso Afogado

**De Teatro Griot Portugal Alaim, Nave Principal, Mindelo**

Olhar a morte, tema tão presente na história do teatro, assumiu outras urgências nas últimas décadas. O mundo mudou, por conseguinte, também o indivíduo; e perceber a natureza da morrência ao sujeito é dar conta de traduzir a morte não mais como acontecimento, e sim em sua condição de estado. Nossa época nos coloca em um dever de morte permanente instituindo a necessidade de reinventarmos também a presença como possibilidade afirmativa de sermos ao mundo e ao outro. É dado a esse novo sujeito a perspectiva da presença como estado pleno que assume a morte inerente a um confinamento de sobrevivência. Por isso o teatro, assimilando tanto, quase sempre por instinto, tem olhado a presença como suficiente à cena. No entanto, destituído de seu estado poético, aquele ou aquela no palco, se limita a existir como artificialização de uma representação vazia. Cabe ao corpo erguer as condições necessárias para validar a presença, quando, e mesmo se naturalista, o estar explode a ambiência fazendo-se sobretudo ocorrer como uma singularidade. É essa a grandiosidade da presença de Zia Soares: instituir ao momento um existir singular a todos, sobretudo aos espectadores. Em

Luminoso Afogado, Al Berto existe morto e também enquanto morte, história e presente, lembrança e resposta. É o mar e rede que conduz e aprisiona fisicamente Zia, e o estímulo para ser o espetáculo um corpo próprio de biográfica narrativa. Estão sobretudo nos silêncios os mais emotivos momentos desse reencontro. É como se a presença de Zia anunciasse a de Al Berto, que uma vez ali exige o retorno à dramaturgia como mecanismo de sua permanência e continuidade. É preciso respirar em uníssono com a atriz, desenhar no próprio íntimo as marcas narrativas por ela construídas, para assim provocar também um estado participativo ao espetáculo. Adentrar-se ao mar simbólico por tão profundo ser a contemplação, o que faz com que o palco jamais esteja esvaziado, mesmo quando a atriz desaparece no emaranhado de fios, nós e escuros. Assiste-se o reconhecimento da própria morte e seu movimento ininterrupto, e essa é a experiência mais especial e radical passível de se dar a alguém. Não se sai do espetáculo, se é devolvido ao mundo trazido por esse encantado mar cenográfico erguido principalmente de vazios. Ficam, contudo, as ondas em seus movimentos escondidos no inconsciente de cada um. Agora morremos, sabemos. Morreremos, é certo. Enquanto Zia nos devora e convida a esquecer e guardar, querer e fugir, ser e desistir. O quanto de cada será definido pelo enfrentamento das próprias sombras? Zia expõe as dela com suas complexidades. E ali, afogando-se em passado e ausência, tanto quanto em futuro e pergunta, respira a falta e lembrança de um tempo pela qual resiste e vive: a própria poesia. Basta saber o quanto cada um é capaz de se olhar ao espelho, silenciar-se, molhar-se no imenso e profundo de seu oceano. Zia é dessas atrizes que são especiais já por existir. E ainda faz disso a manifestação de um talento descomunal, como poucas vezes se pode encontrar.